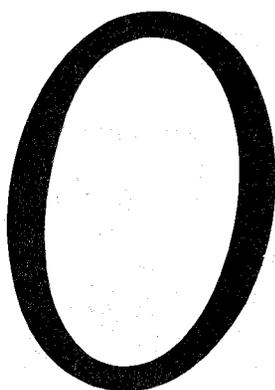


MIMBÓ: A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO

**Idelzuita Rabelo da Paixão
Da Escola Estadual do
Mimbó/Piauí**



O povo do Mimbó é descendente de escravos. Os escravos foram libertados, e o dono deles deu uma área de terra que ainda hoje é ocupada pela comunidade. Durante todo o tempo em que mora nessa região o grupo tem sido unido, vivendo sua própria vida. Poucas pessoas do Mimbó se casam com pessoas de fora. Por isso é que a comunidade continua do jeito que sempre foi. Todos vivem na lei da família. A comunidade do Mimbó é formada de

uma só família que hoje tem perto de 300 pessoas. Nós somos todos parentes.

Até 10 anos atrás ninguém sabia do Mimbó e ninguém do Mimbó saía do povoado. A comunidade morava na margem do Riacho do Mimbó. Ali as terras são boas mas são muito poucas. Por isso, a comunidade se mudou para cima da serra que fica mais perto da cidade. Quando a comunidade se mudou para cima da serra, as nossas terras estavam sendo invadidas por uma empresa agrícola. Essa empresa até já cercou um pedaço muito grande. Foi aí que nós começamos a pedir ajuda, a pedir socorro a todos que possam ajudar, para que não deixem tomar nossas terras. Foi aí que o Mimbó ficou conhecido.

A primeira escola da comunidade foi criada em 1971 e ficava no Baixão, perto do rio. Até 1971 havia muitos analfabetos. A maioria das pessoas não sabia

nem assinar o nome. Aqueles que aprenderam alguma coisa foi à custa de muita dificuldade. A comunidade se reunia e pagava um professor particular. A minha primeira escola foi com esse professor. Aparei tanto dele que fui obrigada a sair da escola. Só aprendi a ler em 1966, quando tinha 14 anos de idade, quando fui morar numa cidade perto do Mimbó. Lá estudei três anos e meio.

Em 1971 eu fui a primeira professora do Mimbó. Lecionava numa escolinha municipal. Em 1980, a prefeita da cidade me expulsou da escola e a escola ficou fechada durante dois anos. Com a criação da escola estadual, já em cima da serra, eu voltei a ensinar e aí estou até hoje.

Eu sou a diretora dessa escola. Mas a diretora da escola do Mimbó tem que ser também zeladora, faxineira, merendeira e tem que fazer todas as tarefas que é preciso fazer na escola.

O Cotidiano na Escola

As atividades da escola começam às 7:00 horas da manhã, mas eu começo a trabalhar às 6:00 horas. Eu tenho que arrumar as salas e limpar a escola. Quando os alunos chegam na sala, eu faço a chamada e depois vou corrigir as tarefas de casa. Depois de corrigir as tarefas, eu inicio a aula. Uma hora depois, eu passo uma tarefa para os alunos fazerem na sala e vou para o mato procurar lenha para fazer a merenda. Depois de arrumar a lenha, eu acendo o fogo e vou para as casas pedir panelas emprestadas para fazer a merenda dos alunos. Enquanto estou preparando a merenda, volto até a sala de aula para acalmar a bagunça dos alunos. A merenda é feita em cima de umas pedras no quintal da escola. Quando chove, eu preparo numa das casas vizinhas da escola.

Quando os alunos terminam de fazer a tarefa de classe, eu divido a merenda com todos eles. Depois da merenda, tem um recreio de 15 minutos. Depois do recreio todos retornam às aulas. No final da aula, eu passo novas tarefas de casa para eles devolverem no dia seguinte. Depois eu despacho os alunos às 11 e meia. Antes eu despachava às 11:00 horas, mas a supervisora reclamou que eu estava despachando muito cedo, aí eu passei a despachar às 11 e meia.

Quando os alunos vão embora, eu ainda fico na escola para limpar e preparar as salas para o turno da tarde. Depois de arrumar a escola, eu vou lavar as vasilhas que tomei emprestado e devolver. Só aí é que vou para casa para preparar o almoço de minha família. Além da escola tenho que cuidar de meu marido e de cinco filhos: um de quinze anos, um de oito, um de seis, um de quatro, e um de um ano e quatro meses que ainda amamento.

À tarde eu não dou aulas mas tenho que fazer todas as outras tarefas.

Os Alunos

A escola do Mimbó sempre funcionou assim. E até esse ano nenhum aluno deixou de estudar. Os únicos alunos que até hoje abandonaram a escola foram quatro meninos filhos de funcionários da empresa que está invadindo nossas terras e que foram embora para outro estado. Nós temos três turmas funcionando. O pré-escolar tem 18 alunos, a 1.^a série tem 34 e uma classe mutisseriada de 2.^a até a 4.^a série tem 12 alunos. Muitos alunos são reprovados, mas mesmo assim continuam na escola no ano seguinte. Mas acho que não pode ser de outro jeito, pois as dificuldades são muitas.

Os alunos não deixam a escola porque os pais não permitem. Os pais dizem até que eu posso castigar e surrar, mas eu não faço isso porque grande par-

te da culpa é minha, que não tenho condições de dar mais assistência. Mas essa escola é nossa, é da nossa comunidade, é da família e todos têm que zelar por ela. Mas, mesmo assim, é preciso melhorar, é preciso que nos ajudem.

Perto do Mimbó tem muitas outras escolas que não têm dificuldades como tem no Mimbó. Até parece que tem marcação com a escola do Mimbó. As dificuldades são só para o Mimbó.

Essa é a experiência da nossa escola; é a experiência do nosso povo. A nossa é esquecida, porque nosso povo é esquecido. Existe marcação com nossa escola, porque existe marcação com nosso povo. Nós somos tratados como se não fôssemos gente como os outros. Tudo para nós é mais difícil. A única coisa mesmo nossa é nosso povo e nossa terra. E a nossa terra estão até tomando de nós.

